

## **BIOPOLÍTICA DOS CORPOS SAUDÁVEIS: PRÁTICAS DISCIPLINARES DE PREVENÇÃO DA AIDS EM LIVROS DIDÁTICOS DE CIÊNCIAS DO ENSINO FUNDAMENTAL (FLORIANÓPOLIS, 2000 A 2011)**

Cristiane de Castro Ramos **Abud** – PPGE/UDESC

Gladys Mary G. **Teive** – PPGE/UDESC

### **Resumo**

Este texto aborda o conteúdo da AIDS presente em 12 livros didáticos de Ciências do 6º ao 9º ano, utilizados nas escolas municipais de Florianópolis no período de 2000 a 2011. Com o aporte teórico da biopolítica de Michel Foucault analisou-se como esses conteúdos produzem representações discursivas de disciplina, de prevenção, relações de gênero, práticas de controle sobre os corpos e às sexualidades dos sujeitos em nome do sujeito saudável. O conteúdo da AIDS nos livros apresenta uma abordagem moral e de controle sobre o corpo, os prazeres, as práticas sexuais dos sujeitos, onde vontade e prazer estão relacionados ao comportamento de risco. Constatou-se, ainda, a presença da feminização da AIDS e de conteúdos preconceituosos com relação à homossexualidade, onde a heteronormatividade ganha destaque. É preciso questionar os materiais que utilizamos nas escolas, produzir novas políticas voltadas à saúde e às sexualidades no contexto pedagógico, além de debates acerca de um trabalho que realmente contemple as diferenças na escola, sem estereotipá-las ou normalizá-las.

**Palavras-chave:** Gênero; Livro didático; AIDS.

## **BIOPOLÍTICA DOS CORPOS SAUDÁVEIS: PRÁTICAS DISCIPLINARES DE PREVENÇÃO DA AIDS EM LIVROS DIDÁTICOS DE CIÊNCIAS DO ENSINO FUNDAMENTAL (FLORIANÓPOLIS, 2000 A 2011)**

### **1. Reflexões iniciais**

A saúde tornou-se um dispositivo pedagógico que é legitimado através da presença dos médicos na escola para o autocontrole, cuidado de si, dos corpos. Este poder disciplinar está presente no cotidiano das escolas, no seu interior, nos seus

objetos, projetos pedagógicos, currículos, que fabricam gestos, comportamentos, hábitos e códigos que devem ser aceitos socialmente entre si e com os outros.

O sujeito/aluno se constitui a partir dessas técnicas e táticas de disciplinamento do corpo, códigos de comportamento e refinamento da higiene, produzindo verdades sobre si,

(...) resultado de um complexo processo histórico de fabricação no qual se entrecruzam os discursos que definem a verdade do sujeito, as práticas que regulam seu comportamento e as formas de subjetividade nas quais se constitui sua própria interioridade (LARROSA, 1994, p.43).

A autoconsciência do ser saudável pelo cuidado e controle do corpo, tornou-se a utopia apolítica da nova sociedade, o importante é estar em boa saúde, onde os “argumentos científicos constituem formas de poder-saber legitimadoras das representações que povoam o imaginário social e que redimensionam os conceitos de saúde, doença e corpo são” (LUCAS, 2006, p.83). Ao analisar e medicar a vida, os órgãos, a utopia da biopolítica e da saúde perfeita, chega às escolas através dos de análises nutricionais, antropométricas, do ensino da higiene, da educação física, dos hábitos alimentares, das formas de prevenção de doenças nas escolas, contribuiu para a produção de dispositivos de atenção ao cuidado com o asseio, modo de viver, comportar-se e na produção do sujeito saudável e aceitável na sociedade, “o resultado é a constituição de um indivíduo responsável que orienta suas escolhas comportamentais e estilos de vida a procura da saúde e do corpo perfeito e os desvio aos riscos” (ORTEGA, 2004, p.4). O controle do corpo, além de médico, técnico passa a ser político e moral,

O automelhoramento individual autodisciplinado na procura da saúde e perfeição corporal tornou-se a forma dos indivíduos exprimirem a sua capacidade de agência a autonomia em conformidade com as demandas do mundo competitivo (ORTEGA, 2003, p.91).

Foucault (2004) chama de biopolítica o controle da vida, dos indivíduos e da população pelas práticas governamentais, tecnologias sociais que visam controlar a sociedade, a higiene, a natalidade, a longevidade, o sexo, etc.; visando a medicalização

e a normalização; culminando no ato da disciplina na produção de corpos dóceis e submissos.

Essas práticas de conduta repetidas submetem o sujeito e sua identidade, capturam seu corpo. O corpo é entendido, também, como expressão e materialização de uma condição social e de um *habitus* traduzido na forma de posturas corporais, gestos e investimentos na sua produção, que denunciam uma determinada posição social. Neste sentido, o corpo é concebido como um signo social na medida em que, a partir dele, proliferam-se técnicas corporais de determinados grupos sociais.

A partir desse olhar, o corpo está sempre sendo (re)inventado, e todas as marcas que se inscrevem ou se constroem em torno dele, seja nas artes, na medicina, na mídia, etc., são sempre provisórias. As rupturas e/ou permanências são características de cada época, cultura ou grupo social, governo e religião. Como caracteriza Sant'Anna (2000, p.237), “da medicina dos humores à biotecnologia contemporânea, passando pela invenção de regimes, cirurgias, cosméticos e técnicas disciplinares, o conhecimento do corpo é por excelência histórico, relacionado aos receios e sonhos”, localizado em períodos determinados na história.

É no corpo que marcas e símbolos culturais são inscritos e funcionam como modos de classificar, agrupar, ordenar, qualificar, diferenciar etc. Essas marcas posicionam de diferentes modos os sujeitos na escala social, determinando quem pertence ou não a certas classificações de corpo: magro, alto, belo, branco, jovem, heterossexual, saudável, entre outros. Esses marcadores identitários não são fixos ou estáveis, são objetos de contínua construção que nos interpelam e marcam constantemente.

A inserção do corpo nessa rede de saberes que falam sobre ele estabelece, sempre, novas relações de poder. O poder, entendido na perspectiva foucaultiana, tem funcionado como um organizador de sistemas de classificação sejam eles sociais, políticos, econômicos, contribuindo para que cada um(a) ocupe seu diverso lugar e nas representações que estão em jogo. O corpo, a sociedade, a alma, a vida, são constituídos por lutas, disputas imbricadas em relações de poder, “lutas pelo direito à vida, à saúde, ao corpo, à higiene, ao bem-estar e à satisfação das necessidades” (ORTEGA, 2004, p.5).

Os livros didáticos fazem parte de políticas educacionais estabelecidas dentro de relações de poder e saber em campos de lutas entre os saberes a serem vinculados, neste sentido, constituem-se em artefatos da cultura escolar compondo currículos e práticas

pedagógicas, formando determinadas identidades e subjetividades. Especialmente aqui, os livros didáticos de Ciências que tratam do tema da AIDS, produzindo através de suas imagens e discursos; determinados padrões comportamentais de vigilância e disciplina relacionados à sexualidade dos alunos do 6º ao 9º ano.

Foram analisados aqui, 12 livros didáticos de Ciências do 6º ao 9º ano que tratam do conteúdo da AIDS dos anos de 2000 a 2011. Estes livros estão presentes das bibliotecas das escolas municipais de Florianópolis para consulta e pesquisa dos professores e toda comunidade escolar, sendo que os mesmos já foram utilizados em sala por estas escolas nos respectivos anos. Com o auxílio da fundamentação teórica de Michel Foucault sobre a biopolítica, analisou-se como o conteúdo da AIDS presentes nesses livros contribui para a constituição de subjetividades, representações de gênero, disciplina, práticas de controle e conduta sobre os corpos e as sexualidades.

## **2. Comportamento de risco**

Todos os livros analisados abordam o tema comportamento risco e o definem como “termo utilizado para designar algumas práticas que aumentam significativamente a chance de se contrair alguma doença” (CANTO, 2011, p. 211). Nesse sentido, acabam por fazer um investimento disciplinar no que seriam considerados comportamentos relacionados às práticas sexuais tidas como seguras e, conseqüentemente, aceitas socialmente para a produção do sujeito considerado saudável.

As práticas consideradas de risco tornaram-se um investimento econômico e social para o autocontrole e a mudança do comportamento dos sujeitos, seja pelo uso de preservativos, medicamentos, campanhas publicitárias; sendo que as políticas desenvolvidas no século XIX, por exemplo, preocuparam-se com a disciplina e adstração dos corpos, bem como uma preocupação com a saúde, o sexo e a gestão da vida (FOUCAULT, 1990). A noção do medo, da morte, da possibilidade do risco produziu a sociedade de risco que passou a olhar seus corpos, desejos e prazeres através de novas políticas preventivas e da gestão discursiva moral e política do dispositivo do risco (MITJAVILA, 2002).

O risco e suas conseqüências passaram a ser atribuídos a uma questão individual, que se não controlado ou evitado irá tornar-se um problema social, pois “a medida em que o poder se torna mais anônimo e mais funcional, aqueles sobre os quais é exercido tendem a ser mais fortemente individualizados” (FOUCAULT, 1987, p.197).

Esse controle da gestão da vida e dos corpos é realizado através do investimento discursivo presente nos livros didáticos analisados com relação à AIDS, com frases como: “As relações sexuais, de modo geral, oferecem risco de contágio” (CANTO, 2011, p.212); “O sexo anal tem grande possibilidade de transmitir AIDS” (GEWANDSZNAJDER, 2002, p.224); “Para evitar a AIDS é necessário diminuir o número de parceiros sexuais” (Id., 2005, p.72); “Deve-se reduzir o número de parceiros sexuais” (ALVARENGA, 2005, p.118); “Limitar o número de parceiros” (LUZ, 2006, p.104). Inclusive com uma seção intitulada “Métodos de abstinência” (GEWANDSZNAJDER, 2005, p.208) com exemplos de métodos para se evitar a gravidez indesejada ou doenças sexualmente transmissíveis.

O conteúdo da AIDS apresentado nos livros analisados apresenta uma abordagem moral sob o corpo, sob os prazeres, e as práticas sexuais dos sujeitos, onde vontade e prazer estão relacionados ao risco e ao perigo, segundo Foucault (1990, p.145),

É este corpo que será preciso proteger, de um modo quase médico: um lugar dos rituais dos quais se restaurava a integridade do corpo do monarca, serão aplicadas receitas terapêuticas como a eliminação dos doentes, o controle dos contagiosos, a exclusão dos delinquentes.

É sobre o corpo que são aplicados detalhes e padrões comportamentais tidos como corretos e necessários para a manutenção de estatísticas, códigos de conduta em nome da manutenção normalidade, constituindo a biopolítica da população a partir da responsabilidade de cada sujeito.

### **3. Representações de gênero e AIDS**

Desde a década de 1990, ocorreu uma “feminização da AIDS”, onde as mulheres tornaram-se alvo das campanhas de prevenção, de índices de infecção da doença e responsáveis pelo uso do preservativo de seus parceiros. Estas representações discursivas atreladas às mulheres estão presentes nos livros didáticos de Ciências analisados, durante os períodos de 2000 a 2011.

Encontramos presente nos conteúdos sobre a AIDS nos livros didáticos diversas afirmações sobre a mulher como foco ou responsável pela transmissão do vírus: “As mulheres são assim mais facilmente contaminadas em uma relação heterossexual”

(ALVARENGA, 2005, p.116); “Uma das principais medidas contra a contaminação do HIV é conscientizar mulheres portadoras do HIV a respeito do risco da contaminação para o filho durante a gravidez” (COSTA, 2008. p.81)”. Também chama a atenção um capítulo onde trata dos movimentos sociais de luta e feministas e em seguida, na mesma página, aborda o surgimento da AIDS no Brasil e o aumento do número de mulheres infectadas, induzindo o leitor a relacionar a liberdade sexual e de expressão ao aumento do contágio da doença, principalmente pelas mulheres.

Imagens de mulheres estendendo as mãos com uma camisinha no centro como se estivessem as oferecendo, imagens de mulheres em consulta médica com a legenda “As mulheres devem consultar um ginecologista uma vez por ano para fazer exames” (GEWANDSZAJDER, 2000, p.220), também estão presentes nos livros didáticos estudados.

Desta forma, alvo de campanhas e índices, à mulher cabe a responsabilidade pela prevenção do vírus, cuidado e conhecimento com seu corpo, seja cobrando o uso de preservativos do parceiro ou ela própria tomando medidas de precaução,

(...) a responsabilidade do auto-cuidado é apresentada de forma descontextualizada, sem levar em conta os limites da vontade pessoal em um espaço que é eminentemente relacional e, no caso de um grande número de mulheres, caracterizado pela desigualdade de poder (SANTOS & OLIVEIRA, 2010, p.09).

A ênfase dada à importância do discurso, do olhar clínico e do saber biomédico fazem parte do controle biopolítico contemporâneo necessário para a manutenção e a longevidade da vida, através de práticas regulamentadoras e cotidianas, “na cultura de si, o aumento do cuidado médico foi claramente traduzido por uma certa forma, ao mesmo tempo particular e intensa, de atenção ao corpo” (FOUCAULT, 1985, p.61).

Dos doze livros didáticos de Ciências pesquisados somente em dois encontramos a temática da homossexualidade relacionado ao conteúdo da AIDS. O que chama a atenção é a forma que o tema é abordado, ainda de forma sexista e preconceituosa como presente no livro de Gewandsznajder (2005, p.218):

Ainda se discute a causa do homossexualismo. Alguns cientistas acham que pode haver uma influência genética. Outros dizem que depende do ambiente em que a pessoa vive, de acontecimentos da infância ou de relacionamento com o pais, ou de outras causas.

O conteúdo apresenta um discurso excludente e homofóbico, atrelando a homossexualidade como oriunda de desvios, problemas vividos ou deformação genética. Discursos que irão contribuir para a produção moral de representações de grupos de risco, sendo que, as primeiras campanhas de prevenção vinculadas pela mídia estabeleciam a ligação entre sexo enquanto comportamento de risco, pelos chamados grupos de risco e a punição, seria o castigo pela relação da síndrome com a morte (GIAMI, 1997). Comportamentos tidos como desviantes com relação a AIDS, estão presentes desde o início da incidência de casos da doença no Brasil, onde,

Fazer parte do grupo de risco significava acima de tudo ser o agente responsável pela contaminação. Eram enquadrados como parte dos grupos de risco, os homossexuais, profissionais do sexo e usuários de drogas injetáveis, que possuíam comportamentos considerados como transgressores, dentro de um espectro de regras sociais compartilhados. A homossexualidade, por ferir a heterossexualidade, a prostituição pela promiscuidade e as drogas pela ilegalidade (AMORIM, 2009, p.51).

Janet Hanan (1994, p.35), afirma que a denominação “grupos de risco” foi responsável pelo falso sentimento de proteção nos discursos dos que não dizem pertencentes a categoria homo nem bissexuais, usuários de drogas injetáveis e prostitutas. A expressão “grupos de risco”, originou-se de observações epidemiológicas, que produziram uma forma específica de leitura das estatísticas, reforçando estigmas e a própria vulnerabilidade à doença e o aumento da transmissão por contato heterossexual, principalmente por mulheres, por exemplo, no caso do Brasil.

Outro livro ilustra, a partir de desenhos, formas de transmissão da AIDS e ao representar a relação sexual como contágio a expressa com um desenho de dois bonecos do mesmo sexo; o masculino, se abraçando e beijando, diferente do outro desenho que representa situações de não transmissão da AIDS com dois bonecos de sexos opostos abraçando e beijando (SANTANA, 2008, p.199). As primeiras campanhas de prevenção vinculadas pela mídia estabeleciam a ligação entre sexo enquanto comportamento de risco, pelos chamados grupos de risco e a punição, seria o castigo pela relação da síndrome com a morte (GIAMI,1997).

Nestes casos, as formas de se abordar as sexualidades contribuem para a manutenção de valores homofóbicos e equivocados com relação a AIDS, reforçando padrões heteronormativos e até mesmo ao aumento da transmissão da doença pelas informações abordadas de forma equivocadas. É necessário que se faça uma análise das relações da doença com processos de exclusão, discriminação e representação da sexualidade e das relações de gênero. Conforme Deborah Britzman (1998, p.41), falar de AIDS é falar sobre sexualidade, é falar sobre homens e mulheres, é falar sobre amor, sobre moral.

Desta forma as imagens dos livros didáticos também podem ser “lidas” como representações de gênero que produzem determinadas subjetividades, sentimentos e entendimentos culturais e sociais acerca da doença. Ensinam como homens e mulheres devem se relacionar com o mundo e que valores esse mundo elege como socialmente aceitos para cada gênero (FURLANI, 2008).

#### **4. Reflexões necessárias**

Por meio da análise das concepções acerca da AIDS abordadas pelos livros didáticos de Ciências do 6º ao 9º no utilizados por escolas do município de Florianópolis, verificou-se o quanto a temática é permeada por diferentes campos de saber que articulam discursos, relações de poder, representações culturais, sociais e de gênero, ou seja, uma “epidemia das significações” (TREICHLER, 1998, p.357).

Outros estudos sobre o conteúdo da AIDS como de AMARAL & MEGID NETO (1997), apontam que encontram-se nos livros didáticos de Ciências de 6ª a 8ª séries significativos erros conceituais, formas de preconceito culturais e de gênero, além de representações gráficas inadequadas. Outros autores enfatizam como os conceitos, imagens ilustrativas, cores, formas dos livros didáticos de ciências “produzem identidades distintas entre homens e mulheres por meio de uma sexualização dos espaços doméstico e do mercado de trabalho”. Apresentando diferentes imagens de homens e mulheres ocupando espaços opostos evidenciando a hierarquia entre eles, aspectos simbólicos normativos e binários (MARTIN & HOFFMANN, 2007).

O conteúdo presente nos livros didáticos, seja ele imagético ou textual, tem um importante papel na construção do imaginário social sobre a doença, atuando na construção de subjetividades, sexualidades, condutas sexuais, comportamentos,



cuidados de si, inferindo estratégias de prevenção determinadas, pois, “são os meios que carregam significados porque eles operam como símbolos, os quais afirmam ou representam o significado que nós desejamos comunicar” (HALL, 1998).

Além disso, os livros didáticos servem como importantes documentos para se perceber como é abordado o conteúdo da AIDS e seus desdobramentos, ou seja, as estratégias de prevenção, cuidado, contágio, sua eficácia e formas de apreensão pelos sujeitos/alunos, “o livro didático vem sendo incorporado como importante fonte de análise para se investigar a escolarização dos saberes e de como seu ensino tem sido organizado e praticado ao longo do tempo” (SILVA, 2006, p. 3).

É necessário analisar e refletir sobre os saberes, as práticas, as políticas públicas e educacionais prescritos pela escola e seus artefatos de poder devem ser, permanentemente contestados, subvertidos, desafiados, demonstrando que tanto as identidades quanto as subjetividades são mutáveis e históricas. Problematizando, desta forma, as táticas e estratégias utilizadas pelos livros didáticos para o investimento e controle da produção de subjetividades e de processos identitários (NÓVOA, 2007, p.16), questionando e contextualizando as imagens e discursos destes livros, entendendo a “linguagem e o discurso como instrumentos fundamentais por meio dos quais as representações sociais são formuladas, veiculadas, assimiladas, e de que o real-social é construído discursivamente” (RAGO, 2013, p.30). Assim, também podemos discutir sobre quais representações sobre o corpo estariam sendo negadas ou produzidas através das imagens e dos jogos de linguagem presentes nestes manuais ao abordar as formas de prevenção de DST, evidenciando seu caráter produtivo sobre os significados produzidos sobre a AIDS, pois, trazendo Weeks (2000, p.37), ela “tornou-se mais do que um conjunto de doenças; ela se tornou uma poderosa metáfora para nossa cultura sexual”.

É preciso produzir estratégias didáticas e tecnológicas que se aproximem das realidades desses alunos, produzindo a aprendizagem necessária enquanto política de prevenção, já que o conhecimento adquire significado quando é baseado em um contexto social próximo e cotidiano, onde se possa posicionar-se frente a ele com atitudes e práticas favoráveis de prevenção, “associando a AIDS com o lúdico, o prazer, e a partir daí internalizar uma cultura de prevenção e cuidado” (SEFFNER, 1998, p.57). Sendo que, nos livros analisados, apesar dos avanços científicos sobre a doença, medicamentos, qualidade de vida do doente, essas informações não estão presentes nestes livros, um conteúdo silenciado em detrimento de outros considerados mais

necessários ou úteis por relações políticas e econômicas de editoras, organizações de saúde, governos, etc.

O ensino de Ciências, a saúde e a sexualidade envolve, portanto, conflitos, rupturas, (des)construções entre a linguagem cotidiana, a científica e a abordada nos materiais didáticos que precisam ser repensados e revisitados. O currículo, portanto, deve ser entendido e trabalhado como um texto cultural, aberto a múltiplas interpretações, diversas formas de narrar e narrar-se. Como uma escrita em permanente construção, ele será o problematizador do cotidiano escolar, produtivo em suas possibilidades enunciativas, potência e formas de imanência. Um artefato construído em espaços culturais, artísticos, estéticos, midiáticos, em constantes disputas de saber e poder em torno de diferentes significados e práticas, obtendo uma dimensão política e poética da diferença.

#### **Livros analisados por ordem cronológica:**

GEWANDSZNAJDER, Fernando. **Nosso Corpo**. Ciências 7ª série. São Paulo: Ática, 2000.

\_\_\_\_\_. **Ciências nosso corpo**. Ciências 7ª série. São Paulo, 2002.

\_\_\_\_\_. **Ciências a vida na terra**. Ciências 6ª série. São Paulo: Ática, 2005.

ALVARENGA, Jenner. **Ciências naturais no dia-a-dia**. Ciências 7ª série. Curitiba: Positivo, 2005.

VALLE, Cecília. **Vida e meio ambiente**. Ciências 6ª série. Curitiba: Positivo, 2005.

LUZ, Maria de la; SANTOS Magaly Terezinha. **Vivendo Ciências**. Ciências 7ª série. São Paulo: FTD, 2006.

SANTANA, Olga; FONSECA, Anibal. **Ciências Naturais**. Ciências 8ª série. São Paulo: Saraiva, 2008.

COSTA, Alice. **Ciências e interação**. Ciências 6ª série. Curitiba: Positivo, 2008.

FIGUEIREDO, Maria Teresinha; CONDEXIA, Maria Cecília. **Ciências: atitude e conhecimento**. Ciências 8º ano. São Paulo: FTD, 2009.

CANTO, Eduardo Leite. **Ciências naturais, aprendendo com o cotidiano**. Ciências 9º ano. São Paulo: Moderna, 2009.

\_\_\_\_\_. **Ciências naturais, aprendendo com o cotidiano**. Ciências 7º ano. São Paulo: Moderna, 2011.

## Referências

AMARAL, Ivan; MEGID NETO, Jorge. Qualidade do livro didático de Ciências: o que define e quem define? **Ciência & Ensino**, Campinas, n.2, jun., 1997. p.13-14.

AMORIM, Grazielle Regina de. **Outsiders do bairro Trindade**: “pacto da morte” ou “ganguê da Aids”? Para além da construção de um episódio. Dissertação (Mestrado)-Programa de Pós-graduação em História, UFSC, Florianópolis, 2009.

BRITZMAN, Deborah. Sexualidade e Cidadania Democrática. In: SILVA, Luiz Heron (org.). **A escola cidadã no contexto da globalização**. POA: Vozes, 1998.

FOUCAULT, Michel. *Naissance de La Biopolitique*. Paris: Gallimard/Seuil, 2004.

\_\_\_\_\_. Uma trajetória filosófica. Para além do estruturalismo e da hermenêutica. RJ: Forense, 1995.

\_\_\_\_\_. **História da sexualidade I**: a vontade de saber. RJ: Graal, 1990.

\_\_\_\_\_. **História da sexualidade II**: o cuidado de si. RJ: Graal, 1985.

\_\_\_\_\_. **As palavras e as coisas**: uma arqueologia das ciências humanas. SP: Martins Fontes, 1987.

FURLANI, Jimena. Representações de gênero e sexualidade nos livros didáticos e paradidáticos. **Salto para o Futuro**. Educação para a igualdade de gênero. Ano XVIII-Boletim 26-Nov., 2008, p.39-46.

GIAMI, Alain. et. al. **Enfermeiras frente a AIDS**: representações e condutas, permanências e mudanças. Canoas. Ed. Ulbra, 1997.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro, DP&A, 1998.

HANAN, Janete. **A percepção social da AIDS: raízes do preconceito e da discriminação**. RJ: Revinter,1994.

LARROSA, Jorge. Tecnologias do eu educação. IN: SILVA, Tomaz T. (org.). **O sujeito da educação: estudos foucaultianos**. Petrópolis:VOZES, 1994, p.35-86.

LUCAS, Luciane & HOOF, Tânia. Da ortopedia ao controle do corpo: o discurso da saúde na publicidade. **Comunicação, mídia e consumo**. São Paulo, vol3, n.6, 2006, p.81-104.

MARTINS, Elicíia de Fátima & HOFFMANN, Zara. Os papéis de Gênero no livros didáticos de Ciências. **Ensaio**,UFMG,V.9,N.1, julho,2007.

MITJAVILA, Myriam. O risco como recurso para a arbitragem social. **Tempo Social**, USP, São Paulo, 14 (2), outubro de 2002, p.129-145.

NÓVOA, A. Os professores e as Histórias da sua Vida. In: NÓVOA, A. (org.). **Vidas de professores**. Porto: Porto Editora, 2007.

ORTEGA, Francisco. Biopolíticas da saúde: reflexões a partir de Michel Foucault, Agnes Heller e Hannah Arendt. **Interface-Comunic., Saúde , Educ.**, v.08 , n.14 ,p.09-20.set, 2003/2004.

RAGO, Luzia Margareth. **A aventura de contar-se: feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade**. Campinas, Editora da Unicamp, 2013.

SANT'ANNA, Denise B. As infinitas descobertas do corpo. **Cadernos Pagu**, Campinas, N.14, 2000, p.235-249.

SANTOS, Luis Henrique S. Incorporando outras representações culturais do corpo na sala de aula. In: OLIVEIRA, Daisy Lara de. (org.). **Ciências na sala de aula**. POA: Mediação, 2002. p.97-112.

SEFFNER, F. O conceito de vulnerabilidade: uma ferramenta útil em seu consultório. **Aletheia** (ULBRA), Canoas, Vol. 07, jan., jul., 1998, p.53-58.

SILVA, Cristiani Bereta. Gênero e sexualidade nos livros didáticos de História: algumas questões sobre produções de subjetividades. **Anais**. VII Seminário Fazendo Gênero. Florianópolis, 2006.p.1-8.

TREICHLER, P. AIDS, homophobia, and biomedical discourse: an epidemic of signification. In: PARKER, R.; AGGLETON, P (Org.). **Culture, society and sexuality: a reader**. Califórnia: UCL, 1998. p. 357-386. Disponível em: [http://experienceage.com/femeti/femetimgt/img\\_circular/Cambridge%20University%20Press%20-%20Culture,%20Society%20and%20Sexuality.pdf#page=345](http://experienceage.com/femeti/femetimgt/img_circular/Cambridge%20University%20Press%20-%20Culture,%20Society%20and%20Sexuality.pdf#page=345). Acessado em: 24 jul. 2012.

WEEKS, Jeffrey. O corpo e a sexualidade. In: LOURO, Guacira L.(org.). **O corpo educado- pedagogias da sexualidade**. BH: Autêntica,2000.p.37-82.